

EDIÇÃO
159

MARÉ

DE NOTÍCIAS

UMA MARÉ DE CULTURA

LANÇAMOS O CADERNO QUE TRARÁ AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS QUE MOLDAM A DIVERSIDADE DA MARÉ.



FOTOS: AFFONSO DALUA | ARTHUR VIANNA | DOUGLAS LOBES | GABILINO | PATRICK MARINHO

ACESSE O SITE



SEGURANÇA PÚBLICA | 8º BOLETIM DA MARÉ APONTA AUMENTO DO NÚMERO DE OPERAÇÕES PELO SEGUNDO ANO CONSECUTIVO - PÁGINAS 9.

SAÚDE NA MARÉ | LUTAS E CONQUISTAS PELO ACESSO A SAÚDE EM 30 ANOS DE BAIRRO - PÁGINA 6 E 7.

EDITORIAL

Somos uma comunidade múltipla, ampla, diversa. Por isso, o Maré de Notícias poderia ser um jornal diário, nunca nos faltaria assunto, motivos para denúncias e para celebração, reportagens investigativas, objetos para matérias de entretenimento, de esporte, economia ou até mesmo temas internacionais.

Na Maré cabe de tudo e confessamos que, por isso, tem sido cada vez mais trabalhoso escolher os assuntos que o leitor vai encontrar nestas páginas.

Neste mês, escolhemos contar os caminhos de luta que fizeram com que a Maré saísse de uma única unidade de saúde, que atendia os moradores nos anos 1970, para 8 unidades atualmente.

Escolhemos narrar como as operações policiais de 2023 impactaram a vida dos moradores e, como os dados gerados pelo Boletim de Segurança Pública na Maré, contribuem para mudanças em como essas operações são organizadas e realizadas.

Escolhemos celebrar a prisão dos acusados de serem os mandantes do assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes, ao mesmo tempo que continuamos a exigir justiça, verdade, memória e reparação.

A realidade é que poder escolher é um privilégio e, em abril, fizemos também a escolha de estreitar o Caderno da Cultura. Isso porque entendemos que, ainda que a cultura seja um dos pilares que sustentam a identidade de uma comunidade, ela é muitas vezes negligenciada ou até mesmo marginalizada em certos territórios.

Nosso desejo não é sintetizar, encerrar o assunto ou dar respostas fechadas, mas fazer ainda mais perguntas que contribuam na construção da cultura maréense. Contribuir também é um privilégio.

DICA DE SAÚDE | TARGIFOR

5 DICAS PARA MELHORAR A IMUNIDADE

1 | DURMA BEM:

Não tem jeito, o sono é imprescindível para manter a imunidade em ordem. Quando dormimos mal, a liberação do hormônio cortisol aumenta, e ele é um dos responsáveis por baixar a imunidade. Portanto, programe-se para dormir suficientemente todos os dias e, se necessário, procure a ajuda de um especialista em sono.

2. CONTROLE O ESTRESSE:

O sistema imune está muito ligado a nossas emoções. Na verdade, o problema está no estresse contínuo, conhecido por estresse crônico, pois ele é capaz de derrubar as defesas do corpo, o que nos deixa suscetíveis a infecções oportunistas, como as de vírus e bactérias. Portanto, na medida do possível, busque atividades para relaxar, como exercícios físicos e meditação.

3. ALIMENTE-SE CORRETAMENTE:

É fundamental manter uma alimentação saudável e nutritiva para que a imunidade se mantenha alta. Vitaminas e minerais, como as vitaminas B6, C, E, ácido fólico, zinco e selênio, dão uma força para o nosso sistema imune.^{1,6>} Para quem não consegue ingerir todos os nutrientes necessários por meio da alimentação, lançar mão de suplementos vitamínicos pode ser uma alternativa para suprir essa necessidade. Targifor+C, é indicado para combater o cansaço por meio do Aspartato de Arginina que tem efeitos benéficos no sistema imunológico.

4. EVITE DIETAS RESTRITIVAS:

Estar acima do peso não é saudável, mas para voltar ao peso ideal é importante fazer uma dieta saudável e rica em nutrientes, afinal, eles são fundamentais para manter a imunidade em ordem. Uma dieta restritiva e sem a quantidade de vitaminas necessárias, por exemplo, pode enfraquecer o organismo e facilitar a entrada de vírus e bactérias. Portanto, se quiser emagrecer é aconselhável procurar o auxílio de um especialista e manter uma dieta saudável.

5. PRATIQUE EXERCÍCIOS:

Exercício físico é essencial para uma vida longa e sadia, já que ajuda a evitar diversos tipos de doenças, como problemas cardíacos, diabetes e pressão alta. Além disso, a atividade física é um fator importante para melhorar a imunidade, por isso procure deixar o sedentarismo de lado e comece a se exercitar. Porém, nada de exagerar: exercícios intensos podem provocar o efeito contrário, afetando a imunidade e derrubando as defesas do organismo.

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redesmaré

MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1008A
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré

APOIO:

invivo
MUSEU DA VIDA FIOCRUZ

EDITOR EXECUTIVO E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Affonso Dalua

EDITORA

Ana Paula Lisboa

FOTOGRAFIA

Affonso Dalua
AF Rodrigues
Arthur Vianna
Bruna Pierrou
Dani Ferreira
Douglas Lopes
Dunas Filmes
Gabi Lino
Kamila Camillo
LiLo
Pachick Marinho
Pedro Prado

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Ana Paula Lisboa
Andreza Paulo
Hélio Euclides Mtb 29.919/RJ
Henrique Silva
Jessica Pires
Luna Arouca

REVISÃO

Tatiana Lima

PROJETO GRÁFICO

Affonso Dalua

DIAGRAMAÇÃO

Affonso Dalua

IMPRESSÃO

Gráfica Tribuna

TIRAGEM

10 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

PARTICIPE DO GRUPO DE SUGESTÃO DE PAUTA DO MN



FALE CONOSCO:

Email: maredenoticias@redesdamare.org.br

Whatsapp: +55 21 97271-9410

REDES SOCIAIS:

Twitter: @maredenoticias

Instagram: @maredenoticias

Facebook: fb.com/maredenoticias

REDAÇÃO MARÉ DE NOTÍCIAS

Rua Sargento Silva Nunes, 1008A

Nova Holanda - Maré

Telefone: +55 (21) 3104-3276

PATROCÍNIO:

Targifor

REALIZAÇÃO:

redesmaré

Lei de Incentivo à Cultura
Lei Rouanet

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

LUTA POR VERDADE, MEMÓRIA, JUSTIÇA E REPARAÇÃO

JESSICA PIRES

Após mais de 2 mil dias de espera, as famílias de Marielle Franco e Anderson Gomes finalmente começam a obter respostas sobre os possíveis mandantes do crime que chocou o mundo. Nesta entrevista exclusiva ao Maré de Notícias, Marinete Silva, mãe de Marielle, advogada e fundadora do Instituto Marielle Franco (IMF), compartilha seus sentimentos após a prisão preventiva de três suspeitos de serem os mandantes do assassinato.

MN: Para a senhora e o IMF, já está compreendida a motivação do assassinato?

Ronnie Lessa informou, em sua delação, que os mandantes teriam se incomodado com a atuação política de Marielle, que ela teria contrariado os interesses de milicianos. O que nós percebemos é que minha filha foi um quadro político relevante na conjuntura recente deste país, não apenas por sua liderança, presença e contundência como defensora de direitos humanos, acompanhando por mais de 15 anos, vítimas de violência institucional. Como parlamentar, ela representava um ciclo de avanços, fruto de décadas de organização dos movimentos de mulheres negras no Brasil.

Para nós, pela forma como aconteceu, pelo contexto de obstrução das investigações, e pelo que a Mari representa, o assassinato é um marco de violência política de gênero e raça, de violência LGBTQIA+fóbica e contra defensores de direitos humanos.

MN: A senhora consegue perceber alguma mudança na presença de mulheres negras em espaços de poder depois de Marielle?

O movimento de mulheres negras brasileiras vem construindo ao longo dos últimos 40 anos uma série de avanços políticos.

Em 2016, um ano após a I Marcha de Mulheres Negras, muitas mulheres se lançaram na disputa eleitoral adentrando a política institucional e Marielle foi uma dessas lideranças.

Ainda que não seja o ideal, hoje é fato que temos mais mulheres ne-

gras e de periferia ocupando os espaços de poder e de tomada de decisão. Após dois anos do assassinato de Marielle, nas eleições de 2020, tivemos um aumento histórico de candidaturas de mulheres negras, cis, trans e travestis.

Apesar disso, a mesma violência política que tirou Marielle de nós, ainda sem resposta pelas autoridades, continua afligindo em maior número mulheres negras que colocam seu corpo à disposição para a política institucional.

MN: O assassinato de Marielle e Anderson ocorreu durante a intervenção federal no Rio de Janeiro. Depois dos nomes dos mandantes divulgados, o envolvimento do representante da Polícia Civil, a senhora, e outras mães de vítimas da violência, seguem acreditando na possibilidade de justiça?

No Brasil, não há uma política de reparação aos familiares e vítimas de violência do Estado que garanta uma investigação independente, participação efetiva nas investigações, indenização e apoio psicológico contínuo.

Por isso, e não teria como ser diferente, a nossa luta por justiça por Marielle e Anderson se reconhece na dor do luto e na resistência da luta de tantos outros casos de violência política, de gênero e raça.

O Poder Judiciário é um dos pilares de sustentação do sistema patriarcal-racista-capitalista e opera através de um modelo de segurança pública baseado na lógica de inimigo interno. É conduzido por tomadores de decisão imersos na lógica da branquitude - em sua esmagadora maioria homens cis brancos e de classe média.

Reparação, para nós, mulheres negras, é construir o futuro fazendo justiça ao passado. Continuamos na luta por justiça porque precisamos urgentemente mudar essa dura realidade, para que a juventude negra e favelada viva e para que todos os familiares de vítimas tenham acesso à verdade, memória, justiça e reparação.

MN: Os nomes apresentados na delação no dia 24 de março, encerram o caso para a senhora e sua família?

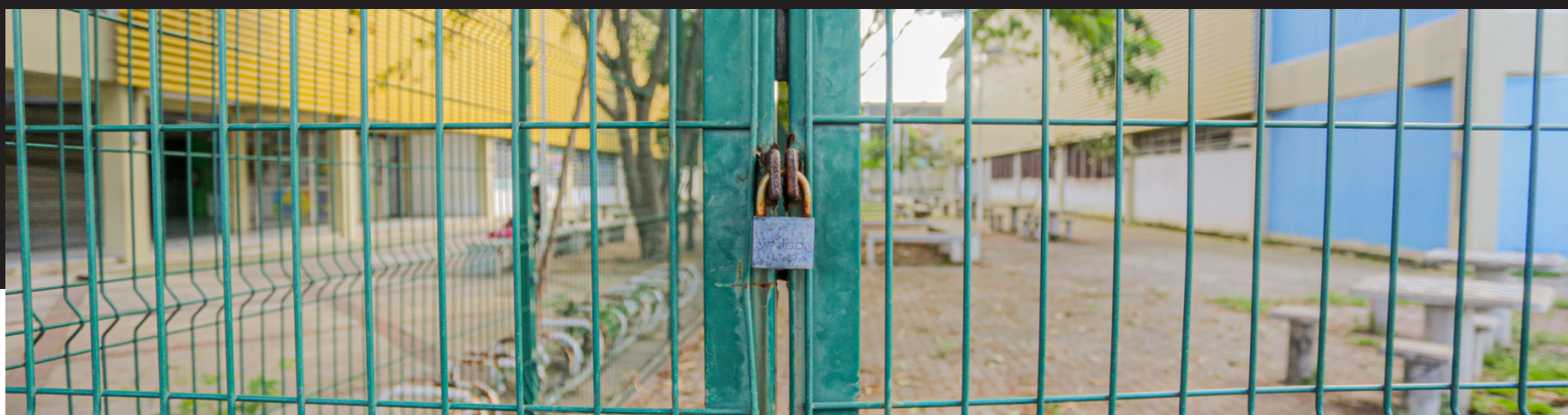
Esse era um momento muito esperado pela nossa família. Mas a delação e as prisões preventivas de Domingos Brazão, atual conselheiro do Tribunal de Contas do Estado (TCE-RJ), Chiquinho Brazão, deputado federal pelo União Brasil, e Rivaldo Barbosa, ex-chefe de Polícia Civil do Rio, não marcam a solução final do caso. A delação precisa ainda ser reforçada por outras provas no curso do processo.

Até hoje, abril de 2024, os acusados de serem os executores, presos em 2019, não foram julgados. A prisão preventiva dos possíveis mandantes também não significa que eles já estejam cumprindo pena. Eles também precisam ser julgados.

Por fim, compreendemos que há lacunas sobre pessoas que não aparecem no quadro de envolvidos com o crime. É inadmissível que passados 6 delegados de polícia civil, dois Secretários de Segurança Pública, 8 secretários de estado da Polícia Civil, um interventor federal, 2 Procuradores Gerais de Justiça, 3 governadores, 3 Presidentes da República, 4 Ministros de Justiça, 1 superintendente da Polícia Federal e dezenas de promotores de justiça e agentes destacados para desvendar o crime, sigamos sem solução.

FOTOS: DUNAS FILMES | DANI FERREIRA | LILLO





BOLETIM DE SEGURANÇA PÚBLICA DA MARÉ

Dados de 2023 apontam aumento das operações pelo segundo ano consecutivo, além da queda do número de mortes e outras violações

HÉLIO EUCLIDES

Um bailinho de carnaval na escola é sempre uma alegria, mas algumas vezes, para as crianças de favela, o momento pode se tornar de angústia. Na manhã do dia 8 de fevereiro, mais uma vez, as aulas foram interrompidas por uma operação policial e, o que se viu foram mães e filhos correndo pelas ruas da Maré, com alunos usando fantasias. Era carnaval!

Essas e outras histórias de violações de direitos fazem parte dos dados do 8º Boletim Direito à Segurança Pública na Maré. O boletim é uma publicação do Eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes da Maré, construído a partir do projeto De Olho na Maré! que, desde 2016, vem monitorando os impactos da violência armada no conjunto de favelas.

A análise dos dados do boletim acumulados ao longo dos anos tem sido fundamental para identificar medidas eficazes que vêm reorientando a política de segurança pública como um direito, e não como uma ameaça à população das favelas da Maré.

A publicação deste ano destaca a diminuição do número de mortes, mesmo com o aumento das operações policiais pelo segundo ano consecutivo. Em 2022 foram 39 mortes, contra 8 em 2023. Das operações, foram 14 em 2022 e 34 em 2023.

ENFRENTAR COM DADOS

Raquel Willadino, diretora do Observatório de Favelas e coordenadora geral do Programa Direito à Vida e Segurança Pública, concorda. E acrescenta que: "o Boletim é uma ferramenta muito importante, não só para dar visibilidade para violações de direitos, mas também para pautar políticas voltadas para a redução de violências no território".

O antropólogo, cientista político e escritor, Luiz Eduardo Soares, que lutou pelo fim da Ditadura Militar no Brasil, sabia que não seria fácil construir um Estado democrático de direito em um país tão profundamente desigual e racista, patriarcal e violento.

"Nunca poderíamos imaginar que, décadas depois, nossa luta ainda fosse pela edificação dos pilares do Estado de Direito. Sobretudo, em territórios excluídos de sua vigência, onde ocorrem ações policiais irresponsáveis, muitas vezes promovendo um verdadeiro genocídio", avalia.

Luiz Eduardo considera que a esperança está nos modelos originais de organização popular e de produção coletiva de conhecimento. "Entre as iniciativas mais importantes, destaco o caso notável da Maré e o trabalho extraordinário que vem sendo feito articulando pesquisas, reunião de dados, análises e divulgação de críticas e propostas com base em evidências".

Para o antropólogo, isso representa um salto impressionante e aponta para novos horizontes. Faz com que a demanda social deixe de ser genérica, retórica ou abstrata, e se converta em vias realistas e positivas de mudança.

IMPACTOS

Outro destaque do boletim é a Operação Maré, ocorrida entre os dias 9 e 18 de outubro de 2023. Mais uma vez os moradores do conjunto de favelas tiveram as rotinas interrompidas com a presença maciça das forças de segurança, impactando mais de 120 mil moradores com interrupção das aulas, fechamento de unidades de saúde,



de e redução nas vendas do comércio local. Além disso, duas pessoas foram mortas e uma ferida por arma de fogo durante as operações.

Somente as unidades de saúde, em 2022, ficaram 19 dias sem abrir as portas, e em 2023, 26 dias, praticamente um mês sem atendimento. Em média, foram interrompidos 279 atendimentos por operação.

No ano de 2023, as crianças da Maré ficaram quase um mês sem aulas e em média 8.099 alunos estiveram ausentes da escola por operação. Em cada operação são fechadas em média 20 escolas.

DESCUMPRIMENTOS

A publicação destaca a Ação Civil Pública (ACP) da Maré, de 2017, como o primeiro ato judicial coletivo sobre Segurança Pública para favelas do Brasil, que determinou o cumprimento de medidas nas favelas visando a redução de danos e riscos durante as operações policiais. Outra vitória foi a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF 635), de 2020, no Supremo Tribunal Federal. A ação determina que o Estado cumpra uma série de requisitos a fim de reduzir a letalidade policial nas favelas.

“A ADPF é a consolidação [de uma vitória] não só na Maré, mas em outras favelas. É possível ter um instrumento que possa pautar as operações policiais”, comenta **Liliane Santos**, coordenadora do Eixo de Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça, da Redes da Maré.

No entanto, o boletim também mostra que apesar dos avanços, houve o descumprimento da ADPF entre janeiro de 2022 e dezembro de 2023. Os números apontam que os policiais continuam sem usar câmeras - nos uniformes e as operações seguem acontecendo sem a presença de ambulâncias e próximo a escolas.

MÚLTIPLAS VIOLAÇÕES

Seguindo o ritmo da diminuição da letalidade, outras violações de direitos também caíram no último ano: o total foi de 213 registros em 2023 contra 259 em 2022. “Isso reflete um recorte diferenciado na Maré. Contudo, queremos zero violações”, diz **Aristênio Gomes**, pesquisador do De Olho na Maré e morador do Parque União.

Segundos os dados, as violações como ferimento com arma de fogo e tortura policial, saíram de 21 e 27 registros em 2022 para 9 registros cada, em 2023. Em contraponto, os registros de invasão de domicílio subiram de 31 em 2022, para 58 registros em 2023.

Os dados do boletim revelam ainda o perfil das vítimas das violações de direitos em operações policiais em 2023. Pretos e pardos somam 50% das vítimas, contra 21% dos que se

identificaram como brancos. Quando se reflete sobre as faixas etárias, os que mais sofrem são os jovens- entre 20 a 29 anos, com 22%, seguidos por adultos de 30 a 39 anos, com 16%.

VIOLÊNCIA E NEGLIGÊNCIA

Das 52 mortes ocorridas nas operações nos últimos dois anos, apenas uma teve a perícia realizada. “Não pode ocorrer um assassinato e as autoridades não ouvirem ninguém da família, como ocorreu com o assassinato de Jefferson de Araújo Costa, de 22 anos, em que a família foi testemunha do crime”, critica **Maykon Sardinha**, pesquisador da Redes da Maré.

Jefferson estava com a família em um protesto contra as violações sofridas em uma operação, quando foi morto com um tiro à queima-roupa na barriga, por um policial militar. O crime aconteceu na Avenida Brasil e o jovem não foi socorrido pelos agentes policiais.

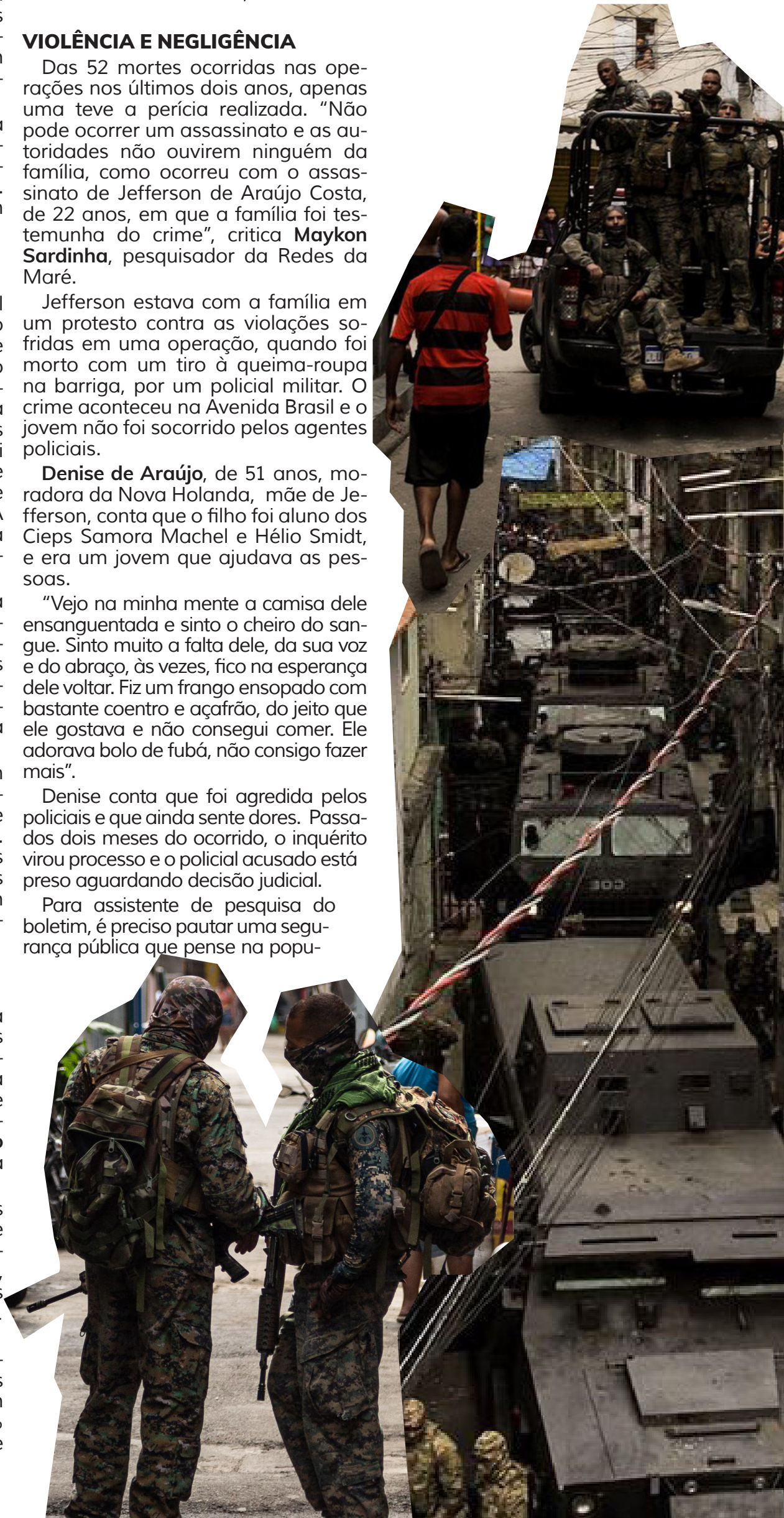
Denise de Araújo, de 51 anos, moradora da Nova Holanda, mãe de Jefferson, conta que o filho foi aluno dos Cieps Samora Machel e Hélio Smidt, e era um jovem que ajudava as pessoas.

“Vejo na minha mente a camisa dele ensanguentada e sinto o cheiro do sangue. Sinto muito a falta dele, da sua voz e do abraço, às vezes, fico na esperança dele voltar. Fiz um frango ensopado com bastante coentro e açafrão, do jeito que ele gostava e não consegui comer. Ele adorava bolo de fubá, não consigo fazer mais”.

Denise conta que foi agredida pelos policiais e que ainda sente dores. Passados dois meses do ocorrido, o inquérito virou processo e o policial acusado está preso aguardando decisão judicial.

Para assistente de pesquisa do boletim, é preciso pautar uma segurança pública que pense na popu-

lação das favelas. “Nas operações que acontecem na Barra da Tijuca não há mortes e o bairro não precisa parar. A favela não pode sempre ter seus direitos violados”.



FOTOS: AFFONSO DALUA | PATRICK MARINHO | PEDRO PRADO

CAMINHOS DA SAÚDE NA MARÉ

A trajetória de lutas e conquistas pelo acesso a saúde pública em 30 anos de bairro

HENRIQUE SILVA E
LUNA AROUCA

Atualmente, o conjunto de favelas da Maré e sua população de 140 mil habitantes, tem a cobertura de atendimento em saúde realizada por 7 unidades básicas, uma Unidade de Pronto Atendimento 24h (UPA).

O território possui também um Centro de Atenção Psicossocial que atende pacientes infanto juvenil (CAPSi Visconde de sabugosa), e dois que atendem adultos: CAPS Carlos Augusto Magal e CAPS Miriam Makeba.

Mas, não foi sempre assim, na década de 1970, a população da Maré tinha somente um Centro Municipal de Saúde, o Américo Veloso. Para ilustrar a trajetória de como a Maré chegou à conquista desses serviços, vamos relembrar algumas das lutas pelo acesso a esse direito, resgatando histórias sobre a mobilização e articulação política dos moradores ao longo dos anos.

SAÚDE PARA TODOS

O direito ao acesso à saúde pública e gratuita só foi garantido para toda a população brasileira na Constituição de 1988, com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS). Antes disso, somente os trabalhadores com carteira assinada tinham acesso garantido à saúde através do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps).

Nas favelas, as formas de acesso à saúde mais comuns e possíveis eram feitas através de instituições de caridade, religiosas, filantropia, trabalhos voluntários de médicos sanitários, instituições de ensino e pesquisa.

Na Vila do João, por exemplo, foi criada a Unidade de Cuidados Básicos de Saúde (UCBS) no início dos anos 1980, gerenciada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com o apoio da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Durante os 12 anos de funcionamento, a UCBS da Vila do João deixou de atender os moradores em várias ocasiões devido a diversos conflitos. A unidade só foi fechada definitivamente em 1995 e é importante destacar o papel que os moradores

e as associações locais tiveram mobilizando o território, provocando o Estado e participando de espaços de debate sobre saúde.

FORMAÇÃO COMUNITÁRIA

Do ponto de vista formativo, os espaços de saúde da Maré também tiveram um papel importante na construção de lideranças locais. Um exemplo foi o Posto de Saúde Comunitário da Nova Holanda, criado em 1979, que teve apoio da Fiocruz na condução da equipe dos agentes comunitários de saúde.

Na pesquisa: *Uma Maré de Lutas: memória e mobilização popular na favela Nova Holanda - Rio de Janeiro*, a autora Monique Carvalho Batista escreve:

“A partir de 1981, o trabalho no Postinho toma novos rumos e se volta para a formação de agentes de saúde locais, visto que a ideia central era de formar grupos dentro daquele espaço e, buscava-se, ainda, uma maior participação dos moradores frente aos problemas da comunidade. Para isso, eram realizadas reuniões na rua, onde todos pudessem participar.”

FOTOS: AFFONSO DALLUA | GABI LINO



Na associação de moradores da Vila do Pinheiro, no início dos anos 1990, foi criado pelo Hospital Geral de Bonsucesso um ambulatório. Durante um pouco mais de um ano, além do atendimento aos moradores, também foram oferecidos cursos para formação de agentes comunitários no local.

EXPERIÊNCIA MODELO

Com o desenvolvimento do SUS e a criação de espaços de participação popular na política de saúde, foram implementados os conselhos distritais de saúde, espaços que formulam, supervisionam, avaliam, controlam e propõem políticas públicas.

Por meio desses conselhos, a comunidade (com seus representantes) participa da gestão pública. No início dos anos 1990, foi conduzido à presidência da primeira gestão do conselho da Área Programática 3.1, região onde fica a Maré, um usuário do sistema de saúde que era morador.

Com essa conexão direta com o território, a Maré teve um papel fundamental para a articulação da primeira experiência no Rio de Janeiro com os postos simplificados e que foram criados dentro dos 6 CIEPS do território. Sob a gestão de uma organização comunitária, a ONG Maré Limpa, e logo depois pela União das

Associações do Bairro da Maré (UNIMAR), as instituições gerenciaram os postos até o início dos anos 2000. Essa experiência foi crucial para o

fortalecimento do programa de saúde da família e para a proposta de aprimoramento dos agentes comunitários de saúde nos territórios de favelas.

DEMANDAS ESPECÍFICAS

Em uma matéria para o jornal O Povo de novembro de 1999, José Carlos, então diretor de uma das organizações que administrava os postos, destaca a importância das atividades culturais para envolver os moradores com a saúde e, ainda, exemplificou questões específicas da saúde da população negra da favela:

“Também já está agendado uma outra festa, desta vez na quadra da escola de samba Gato de Bonsucesso, marcada para o dia 20 deste mês, quando se comemora o Dia da Consciência Negra. Além da apresentação do grupo de músicas afro-brasileiras, serão debatidos programas de saúde voltados especialmente para as pessoas negras. Existem algumas deficiências específicas da raça negra e isso precisa ser mais trabalhado”

Nesse sentido, é possível ver o esforço da população e das organizações comunitárias na luta pelo direito à saúde e podemos ver o impacto no território pela criação e construção de equipamentos de saúde.

PANDEMIA

Na pandemia de covid-19, o tema da saúde foi central na vida de todos. Na Maré, os moradores, as organizações e os coletivos seguiram o histórico do território e se mobilizaram para apoiar as famílias que mais precisavam,

mas também para desenvolver ações de combate ao coronavírus no território.

Um exemplo ilustrativo foi a campanha Vacina Maré, em 2021, que sensibilizou os moradores para uma vacinação em massa contra a covid-19, com um resultado impressionante de 36 mil pessoas vacinadas em quatro dias. A campanha foi realizada com o envolvimento de organizações locais, moradores, trabalhadores da saúde, da educação, além de parcerias históricas como a Fiocruz, que garantiu as doses da vacina, mobilizando recursos e desenvolveu uma pesquisa sobre a vacinação no território.

A experiência da Maré serviu como referência para outras cidades no país e também no cenário internacional, garantindo até reportagem no jornal americano The New York Times.

Por fim, é possível afirmar que as lutas pelo acesso à saúde como um direito, ao longo dos anos foi e segue sendo protagonizada pelos moradores do conjunto de favelas da Maré, através de inúmeros processos de mobilização e articulação territorial. As demandas de saúde no território ainda são grandes: precisamos de mais médicos, um melhor atendimento, práticas integrativas, saúde mental, entre outras. No entanto, se nos guiarmos pelo histórico de luta e envolvimento com o tema da saúde, será possível conquistar essas melhorias para a população.



FOTOS AFFONSO DALLUA | GABRIELINO

CONJUNTO PINHEIROS: MUITO ALÉM DE EDIFÍCIOS

A arquitetura e identidade de uma comunidade singular

HÉLIO EUCLIDES

Muita gente confunde a Vila dos Pinheiros e o Conjunto Pinheiros, favelas que, apesar de serem xarás, contêm peculiaridades próprias. Enquanto a Vila dos Pinheiros se caracteriza por reunir casas, o Conjunto Pinheiros é formado por prédios duplos, de formas retas e arquitetura modernista, de cinco andares cada.

Os primeiros moradores eram formados por pessoas desalojadas das palafitas da Baixa do Sapateiro e este foi o último conjunto habitacional construído pelo do Projeto Rio.

Em 1999, os 34 prédios passaram por reformas custeadas pela Companhia Estadual de Habitação (CEHAB). A reforma consistiu na recuperação do revestimento externo, pintura das esquadrias, impermeabilização das caixas d'água, reforma dos telhados e dos esgotos. Em 2011, a segunda obra também foi realizada pela CEHAB, com recuperação do revestimento, pintura externa e nova reforma dos telhados. A última intervenção ocorreu há dois anos e, apesar das três reformas, os prédios guardam a estética original, com pequenas alterações.

INAUGURAÇÃO

Uma polêmica envolvendo o Conjunto Pinheiros é o ano de inauguração, que na maioria dos arquivos oficiais está datada no ano de 1989. Porém,

os moradores mais antigos como **Adailza Gomes**, conhecida como Dhay, que morou por 14 anos na favela, contestam isso. Ela apresenta um documento que, inclusive, afirma ser do primeiro morador, datado de 9 de setembro de 1986.

Essa data também foi confirmada por **Nivaldo Braga de Lima**, de 64 anos, em entrevista ao Maré de Notícias, em 2022. Ele explica que não faria sentido a construção ser tantos anos depois das outras três favelas criadas dentro do Projeto Rio (Vila do João e Conjunto Esperança em 1982 e Vila dos Pinheiros em 1983). Outro fato é que as construções foram financiadas pelo Banco Nacional de Habitação (BNH), extinto em novembro de 1986, dois meses depois da inauguração do Conjunto Pinheiros.

HISTÓRIAS

Neilde Barcelos, de 63 anos, viveu mais de três décadas no Conjunto Pinheiros e lembra que por conta da demora na entrega das chaves houve uma tentativa de ocupação.

“Foi uma confusão, fiquei apavorada com medo de perder o apartamento, cheguei a chorar. Quando cheguei era muita areia no entorno dos prédios e não tinha muro. Nos primeiros dias me perdia porque os prédios eram iguais, cheguei a enfiar a chave na porta de outras pessoas. Mesmo com as dificuldades de adaptação, a primeira impressão ao chegar é me sentir no luxo, pois eram apartamentos”.

Neildo conta ainda que, com o tempo, os moradores

foram se auto organizando e ela se tornou síndica para manter as condições do prédio onde vivia. “Foi difícil para os moradores entenderem a necessidade de pagar condomínio para manutenção”.

Ela relata que no início, não havia comércio próximo dos prédios, e que só após a construção dos muros, fizeram as garagens, que com o tempo se tornaram lojas. Também não existiam áreas de lazer e para a organização da favela, a associação de moradores teve um papel fundamental, com as primeiras lideranças de Zé Gordo e Eunice Cunha.

“Para fazer compras era na Vila dos Pinheiros, no Mercadinho do Samanco e remédios na Drogarão. Onde hoje é a ciclovia era pedra e capim, então, moradores foram improvisando para criar área de lazer”.

Até hoje moradores ainda continuam com mobilizações comunitárias para manter o espaço. Um dos destaques da favela é a Rua do Meio, onde funciona um polo gastronômico de trailers, instalados pelos próprios moradores. Neilde afirma que, por tudo isso, mesmo depois de se mudar da comunidade, continua com os pés fincados no local. “Sinto orgulho do Conjunto e tenho uma história linda nele. Não vendo meu apartamento por nada”

FOTO AFFONSO DALUA



CADERNO DE CULTURA

UM CADERNO DE CULTURA NA MARÉ

As próximas 10 edições do jornal serão uma jornada pelas manifestações artísticas e culturais que moldam a diversidade da Maré

ANA PAULA LISBOA

Ter um caderno dedicado à cultura no Maré de Notícias era um sonho antigo, e não é à toa que o maior número das nossas matérias em 2023 estiveram relacionadas à editoria de arte e à cultura. A Maré é um território diverso, rico em manifestações culturais e com uma potente história de formação.

Em 2024, vamos realizar este desejo, produzindo o **Caderno de Cultura** nas próximas 10 edições do jornal impresso, que se desdobrará também em matérias para nossa edição online.

Os dados do Censo Maré apontam que praticamente 62% dos atuais moradores nasceram no território, mas indica também o grande fluxo migratório nordestino, 25,8%, e até mesmo estrangeiro, com 0,2% dos moradores. Essa diversidade contribui para uma explosão de produção artística e cultural.

CULTURA E ARTE

Seria praticamente impossível abarcar, nestas 10 edições, a cultura do povo da Maré de forma total, pois é uma palavra ampla, que abrange o conjunto de valores, crenças, costumes, arte, expressões e práticas de uma sociedade ou grupo social específico. Engloba uma gama de elementos, como arte visual, música, dança, literatura, gastronomia, teatro, fotografia, arquitetura, tradições religiosas, festivais, e muito mais.

A cultura é uma parte fundamental da identidade de um povo e influencia nossa maneira de pensar, agir e se relacionar com o mundo ao nosso redor. Além disso, a cultura é dinâmica e está em constante evolução, sendo moldada pela interação entre diferentes grupos sociais, mudanças históricas e influências externas.

Nosso desejo não é sintetizar, encerrar o assunto ou dar respostas fechadas, mas fazer ainda mais perguntas que contribuam na construção da cultura mareense.

CULTURA E MEMÓRIA

A cultura e o território estão tão entrelaçados que é difícil separar um do outro, pois

ambos desempenham papéis fundamentais na forma como as pessoas e as sociedades se entendem e interagem com o mundo em nosso cotidiano.

O território também impacta na diversidade linguística. As línguas muitas vezes se desenvolvem de maneira única em diferentes regiões, isso vai desde as gírias de diferentes favelas, dos sotaques, até a forma como falamos português no Brasil, o nosso *Pretuguês*, como definiu a intelectual Lélia Gonzalez.

As favelas, periferias já foram considerados territórios sem conhecimento, onde viviam pessoas desprovidas de cultura. Isso porque "ter cultura" equivalia a ser escolarizado ou ter acesso a erudição. Os aspectos culturais da população não europeia (geralmente negra e indígena) não eram considerados, e chegavam a ser criminalizados, como é o caso da capoeira, do samba e do funk.

Hoje, apesar dos avanços, as manifestações culturais das periferias (slam, roda de samba, bailes funk, passinho, peças teatrais, grafite) ainda sofrem com o preconceito, a falta de financiamento e de espaços para atuação.

CULTURA E IDENTIDADE

O que pode parecer entretenimento, na verdade, é fundamental na construção e manutenção dos direitos humanos. Por isso, o Artigo 215 da Constituição Federal Brasileira e o Artigo 27 dos Direitos Humanos estabelecem que, o Estado, deve garantir a todos o pleno exercício da sua cultura, incentivando a produção cultural e o direito do povo desfrutar das artes. Portanto, a relação entre arte, educação, cultura e movimentos por direitos são profundas.

Mulheres, negros e a comunidade LGBTQIAP+ frequentemente usam a arte para compartilhar suas experiências, desafiar normas sociais e políticas discriminatórias e racistas, e dar voz às lutas por





igualdade. Muitas vezes foi pelas artes visuais, música, dança, literatura, teatro, fotografia e outras formas de expressão artística, que esses movimentos encontraram maneiras de transmitir mensagens importantes e inspirar mudanças.

A arte e a cultura também desempenham um papel fundamental na construção de narrativas e de identidades. Representações positivas e inclusivas na mídia, na literatura, no cinema, na música e nas artes visuais são essenciais para desafiar estereótipos e promover a igualdade.

GERAÇÃO DE RENDA

No Brasil, um país rico em diversidade cultural, seria ainda mais complexo falar de cultura de forma hegemônica. Por isso, **nosso recorte é a cultura como território**, onde as expressões culturais das periferias e favelas assumem um papel central. Em particular, o território do conjunto de favelas da Maré, com todas as 16 comunidades, como ponto de referência fundamental.

Não é apenas na subjetividade que a cultura é importante. Ela é também essencial para a economia do Brasil. Segundo o Ministério da Cultura (MINC), mais de 3% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro é gerado pela cultura e economias criativas. Em 2024, o Carnaval na cidade do Rio movimentou cerca de R\$5 bilhões, e nas comunidades, os eventos ligados ao funk, samba e pagode sustentam famílias inteiras.

Outro aspecto importante que o leitor e leitora verá neste caderno, é a cultura como fazer artístico-estético, tendo os artistas favelados como protagonistas, seja em perfis, entrevistas ou investigando essas produções.

De acordo com a pesquisa *Marégrafia*, feita com 70 artistas da Maré, os artistas do território são, na maioria, negros, com menos de 30 anos e sem renda individual ou limitada a menos de dois salários mínimos. Menos de 3% desses trabalhadores conseguem manter as despesas familiares somente com o subsídio dos trabalhos artísticos e precisam de outras fontes para complementar a renda. E, mais da metade dos entrevistados pela pesquisa, declararam-se LGBTQIAP+. Uma das missões deste caderno é trabalhar em conjunto com os

artistas e instituições na atualização da pesquisa.

CULTURA E LAZER

Cultura e lazer são conceitos distintos, mas relacionados e estão frequentemente interconectados nas favelas.

O lazer refere-se ao tempo livre e às atividades recreativas que as pessoas escolhem realizar para descansar, relaxar e se divertir. Pode incluir uma ampla variedade de atividades, desde esportes e exercícios físicos até hobbies, passeios ao ar livre, viagens, assistir a filmes, leitura, socialização com amigos e família.

Nas favelas, muitos espaços culturais (públicos e privados) também oferecem atividades de lazer. Esta é uma forma de criar novos públicos, gerar bem-estar físico, mental e emocional das pessoas, além de promover o desenvolvimento pessoal, a criatividade e o senso de comunidade.

A música, em particular, desempenha um papel fundamental na vida das favelas. O funk, com suas letras muitas vezes politicamente carregadas, serve como um meio de contar as histórias das comunidades e de protestar contra as injustiças. Na Maré, outros ritmos também se conectam, como o forró, o rock, a música clássica e o reggae.

Além disso, a gastronomia das favelas da Maré reflete a diversidade cultural do Brasil, combinando influências indígenas, africanas e europeias para criar pratos saborosos. Os restaurantes e barracas de comida não apenas alimentam os moradores, mas também atraem visitantes.

Outra meta deste caderno é compartilhar as agendas de eventos de cultura, lazer e gastronômicas do território, tanto no jornal físico quanto na edição online e nas redes sociais.

E você, o que espera ler e ver no **Caderno de Cultura do Maré de Notícias**?





CULTURA É PARTICIPAÇÃO POPULAR

Mareenses refletem quanto a definição de Cultura e opinam sobre o que gostariam de ver neste caderno

ANDREZZA PAULO

A participação popular na cultura foi e continua sendo fundamental na construção da identidade da Maré, refletindo suas tradições, valores e expressões artísticas. A cultura popular se manifesta de diversas formas, desde festas e bailes consagrados, até produções artísticas contemporâneas que ganham destaque nas redes sociais e plataformas de streamings.

A cultura mareense também desempenha um papel importante na promoção da diversidade e da inclusão. Além disso, ajuda a denunciar violações e visibilizar a luta por direitos, dando voz a grupos historicamente marginalizados e celebrando a criatividade dos moradores. Uma cultura de resistência.

A cultura na Maré é viva e dinâmica, em constante transformação, mas baseada e fincada na memória dos que vieram antes. É uma cultura popular, que se expressa de forma autêntica e original. É uma cultura de resistência, que denuncia as desigualdades sociais e luta por uma sociedade mais justa.

Os moradores das favelas da Maré são parte da construção deste caderno. E por isso, o Maré de Notícias quis saber:

O que é cultura para você, morador? E o que não pode faltar aqui nestas páginas?

PATRICIA DOS SANTOS | 48 ANOS
BAIXA DO SAPATEIRO

Cultura pra mim é o conjunto de hábitos, artes, crenças e talentos de um povo. Aqui temos muitos artesãos e gostaria muito de ver o artesanato da Maré.

EDSON FERREIRA | 44 ANOS
MORRO DO TIMBAU

É algo que a gente faz e produz, que nos traz alegria, saúde, que nos faz sair do digital e conecta ao território da Maré.

Quero ver no caderno oportunidades de dança, esporte, música, a capoeira e que conecta todas as idades para ter mais bem estar.

LUCAS PINHEIRO | 28 ANOS
NOVA HOLANDA

Pra mim, cultura é a forma de você mostrar sua arte, suas raízes, seus ancestrais. Meus

bisavós eram indígenas e seria bom ver no caderno de cultura um pouco de cada cultura ancestral que chegou na Maré.

WALMYR JÚNIOR | 39 ANOS
MARCÍLIO DIAS

Cultura é identidade, aquilo que caracteriza um povo, cultura é tradição histórica, é lazer, é expressar, é sorrir, é trocar, cultura é muita coisa. Já que cultura também é memória, gostaria de ver um espaço sobre a produção da memória na Maré, fazendo um resgate das nossas zonas praianas, da nossa história com imagens e relatos de moradores antigos.

GRETA ANTONELLA DA COSTA | 19 ANOS
VILA DOS PINHEIROS

Cultura pra mim, está ligada diretamente a quem somos. Eu passei parte da minha vida desenhando, criando croquis de moda e fazendo arte digital. Então, a minha visão sobre cultura é isso: é a arte, é o estudo, é deixar seus sentimentos e pensamentos fluírem a partir da sua própria arte, que, em conjunto, vira a cultura propriamente dita. Eu gostaria de ver algo que pouquíssima gente se interessa: as mãos por trás das pinturas dos bate-bolas. São artistas extremamente talentosos!

JURACI ALVES | 66 ANOS
NOVA MARÉ

Gostaria de ver atividades pros idosos se distraírem, dança, uma roda de samba. Tem tanto tipo de cultura no mundo e a nossa quem inventou foram os indígenas, que fizeram nossa arte, que são inteligentes e a nossa origem.

UESDLEY PITANGA | 42 ANOS
PARQUE UNIÃO

Cultura é arte, música, teatro, a culinária de cada lugar. Cada povo tem seus hábitos e suas formas de convívio que forma o âmbito cultural. O que eu entendo é isso.

Gostaria que tivesse no caderno, mais passeios culturais para as crianças para conhecerem tanto a Maré, quanto pontos turísticos do Rio de Janeiro. Também poderiam ter atividades extras sobre cultura nas escolas e ambientes culturais, onde pudéssemos deixar nossos filhos.



